



# XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:  
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

## XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

### GT- 10 – Informação e Memória

#### A EXPERIÊNCIA BENJAMINIANA COMO UMA PERSPECTIVA PARA A MEMÓRIA E INFORMAÇÃO

##### *A BENJAMINIAN EXPERIENCE AS A PERSPECTIVE FOR A MEMORY AND INFORMATION*

**Daniele Achilles Dutra da Rosa** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma das perspectivas teóricas a respeito da memória social. Nesse sentido, trabalha a ótica Benjaminiana sobre a memória, calcada nos conceitos de experiência e vivência. Isso significa dizer que o posicionamento do texto se coloca por via da compreensão da memória enquanto experiência. Para tal, caracteriza-se como uma pesquisa social, de cunho teórico, com delineamento qualitativo e exploratório e utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Desse modo, enfatiza uma das vias da memória, visto a transdisciplinaridade deste conceito. E, por fim, destaca a importância de associar a memória à experiência com o intuito de ampliar os estudos e pesquisas voltados à relação cultura e memória, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** memória; experiência; memória e experiência.

**Abstract:** The present work has the aim of presenting a series of theoretical perspectives on social memory. In this sense, working with the Benjaminian vision on memory, based on concepts of experience and living. This means that the positioning of the text takes place through the understanding of memory within the experience. Therefore, it is characterized as a social research, at a theoretical level, with a qualitative and exploratory design, using a bibliographic research as a methodological procedure. In this way, it emphasizes some forms of memory, seen in a transdisciplinary way based on this concept. And, finally, it highlights the importance of associating memory with experience in order to expand studies and research aimed at the relationship between culture and memory, and not within the scope of the Library and Information Science.

**Keywords:** memory; experience; memory and experience.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente diversos campos disciplinares (Filosofia, Ciências Sociais, Psicologia, neurociências, dentre outras) tem se dedicado em compreender as problemáticas inerentes aos processos e dinâmicas relativas à memória. Questionamentos como: qual o significado deste conceito? Qual a finalidade da memória social e de seus estudos? Como esse fenômeno

que é inteiramente cultural, interdisciplinar e internacional ocorre? São mencionados por Erll na obra “Memoria Colectiva y cultural del recuerdo: estudio introductorio”, publicada em 2012. Autores como Maurice Halbwachs trabalha a memória individual e coletiva; Pierre Nora atrela o conceito de memória aos lugares de memória; Andreas Huyssen como epidemia da memória; Michel Foucault como produção de subjetividade, Jelín pensa a memória a partir dos processos institucionais, políticas públicas e produtos culturais, Aleida e Jan Assmann desenvolvem os conceitos de memória comunicativa, cultural e, memória cumulativa e funcional; e Candau enfatiza a memória sempre imbricada ao recorte identitário.

A partir desse contexto, essa comunicação se localiza como uma pesquisa social de cunho estritamente teórico, utilizando a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico para destacar qualitativamente, as dimensões sobre a memória que poderão ser vistas a partir da revisão de literatura realizada. Ademais, seu objetivo geral é situar a memória enquanto experiência fundamentada por Walter Benjamin, formalizando um recorte que poderá servir para a ampliação dos estudos sobre memória social no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

## **2 O CAMPO E O CONCEITO DE MEMÓRIA SOCIAL**

O campo de estudos da Memória Social tem como marco histórico o conceito de memória coletiva criado por Maurice Halbwachs, que sofreu forte influência teórica de Émile Durkheim. Halbwachs abordou a questão do fato social visando compreender a relação indivíduo e sociedade refletindo sobre uma nova sociologia, baseada na metodologia das ciências naturais. Para entender os fenômenos que ocorrem no interior da sociedade, Durkheim (2007) afirmou a existência de uma causalidade passível de compreensão na esfera social. Esse olhar permitiria a elucidação do papel ou função do indivíduo, como também da sociedade.

Mas o fato social e as práticas, papéis e funções do indivíduo e da sociedade não dariam conta de uma nova sociologia. Assim, Durkheim (2007) enfatizou que os indivíduos utilizam sistemas para que a parte (eles próprios) e o todo (grupo ou sociedade) possam manter a coesão social, isto é, o hábito, a conduta e o pensamento tanto interiores como exteriores ao indivíduo, já que sofreriam coerção em virtude da negação do que lhes é imposto socialmente. Dessa maneira, a coesão social era mantida: a partir das práticas construídas com base no que precede, e só se tornariam práticas propriamente ditas com a existência do fato

social. Nessa via de compreensão, o fato social depende de uma organização definida, cristalizada e repletas de objetividades. Tudo isso leva a idéia de que os indivíduos devem conformar-se junto às regras impostas pela sociedade.

Ao usar como mote as elaborações de Durkheim, Maurice Halbwachs direcionou suas análises para pensar o campo da memória social, enfatizando-a como reconstrução do passado a partir da memória coletiva. E tentou demonstrar que a lembrança está condicionada socialmente (ERLL, 2012, p. 18). Desse modo, as lembranças (individuais ou coletivas) são constituídas a partir do grupo. Halbwachs (2004) afirmou que a memória garante a coesão social e, além disso, que ela é um fenômeno coletivo. Segundo Erll (2012, p. 19, tradução nossa):

[...] os estudos de Halbwachs sobre a memória coletiva podem se diferenciar em três áreas de investigação [...] em primeiro lugar estão suas investigações sobre o condicionamento social da lembrança individual; em segundo lugar estão as investigações sobre as formas e as funções da memória que se constituem entre gerações; em terceiro lugar está a ampliação que faz Halbwachs de seu conceito de memória coletiva no âmbito da transmissão cultural e da formação da tradição, no âmbito do que na atualidade se conhece como memória cultural, segundo a terminologia de Aleida e Jan Assmann.

Desta maneira, Halbwachs explicitou conceitos fundamentais e diferentes entre si sobre a memória coletiva, de acordo com Erll (2012, p. 19, tradução nossa):

- a) A memória coletiva como memória orgânica do indivíduo, que se constrói a partir do horizonte de um entorno sociocultural;
- b) A memória coletiva como a relação com o passado, que surge graças à interação, a comunicação, os meios e as instituições que estão dentro dos grupos sociais e das comunidades culturais.

A memória em Halbwachs (individual e coletiva) parte da ideia de que a lembrança é condicionada socialmente e estrutura o conceito de quadros sociais. Nessa perspectiva, os marcos sociais condicionam os indivíduos (seres sociais) e, a partir das relações e interações, os fenômenos e práticas são apropriadas, constituindo sua própria memória, bem como a do grupo.

Pierre Nora, teórico fundamental para a compreensão do campo da Memória Social, cunhou o conceito "*lieux de mémoire*" (lugar de memória) que ganhou amplo impacto sendo um dos conceitos com maior influência nas pesquisas em âmbito internacional. Ao recuperar as ideias de Halbwachs, Nora (1993) preocupou-se em explicar a relação memória/história

reafirmando-as como categorias opostas. Seus estudos se concentraram na seguinte constatação: “[...] fala-se muito de memória, porque não temos memória” (NORA, 1993, p. 11). A partir daí, passou a refletir sobre os lugares de lembranças ou de recordação nomeados por ele de lugares de memória. Segundo Erll (2012, p. 31-32, tradução nossa) “os lugares de memória não têm a capacidade de constituir uma memória coletiva no segundo de Halbwachs”. Além disso, Nora (1993) destaca que a mundialização como um processo de queda de fronteiras e de identidades, solidário a uma alteração do tempo propiciando a aceleração, compreendida por ele como:

O que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cuja sociedade ditas primitivas, ou arcaicas, representam o modelo e guardavam consigo o segredo – e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque são levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente aos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito – e a nossa, que só é história, vestígio, trilha. Distância que só se aprofundou à medida que os homens foram reconhecendo como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje num ponto convulsivo (NORA, 1993, p. 8).

Essa percepção de Nora (1993) articula a expressão “aceleração da história” que se contrapõe a uma memória verdadeira, que teríamos perdido. Isso significa que o teórico pensa a relação memória/história como uma dimensão para sempre perdida, pura, intocada e mantida em segredo: uma memória espontânea e verdadeira. Assim, a memória ganha estatuto idealizado, contraposta à memória histórica contemporânea, que é autêntica e deficitária. Mas, ao mesmo tempo, Nora (1993) assevera que essa perda pode ser compensada pelos “lugares de memória”, sugerindo um movimento compensatório e dessa maneira Nora (1993, p. 13) afirma:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. E por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreia. São bastões sobre os quais ela se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los.

Nora (1993) configura lugares de memória como um anseio ao retorno a ritos que definem os grupos, a vontade auto-reconhecimento, bem como uma busca por uma memória espontânea e verdadeira que teria sido perdida. Nora (1993) sustenta o conceito de memória na noção de lugar de memória dando uma continuidade ao elo entre memória e história que Halbwachs (2004) anunciou.

O conceito de memória visto pela sua emergência, isto é, por via de uma cultura e política de memória em expansão global foi estudado por Andreas Huyssen, na obra “Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia”, cuja tradução em português foi publicada em 2000. O autor observou a importância que o imaginário urbano e as memórias traumáticas possuem nas novas configurações do espaço contemporâneo. Huyssen (2000) tentou perceber quais seriam os sentidos da memória histórica para além da perspectiva deficitária indicada por Nora (1993). Dessa maneira, o teórico questionou o lugar que ocupam as memórias nas experiências de tempo e espaço, e que influência que advém do passado, se coloca no presente e constrói o futuro.

Ao refletir sobre as sociedades midiáticas, Huyssen (2000) indica que para assegurar o futuro, o homem passa a preocupar-se com o passado, por isso há uma “epidemia de memória”. Ademais, revela que as sociedades necessitam de uma ancoragem temporal em virtude da revolução da informação e do espaço-tempo, e propõe a articulação entre o passado, presente e futuro. Huyssen (2000, p. 37) declara:

Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para discutir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com este objetivo. Mesmo que a amnésia seja um subproduto do ciberespaço, precisamos não permitir que o medo e o esquecimento nos dominem. Aí, então, talvez, seja a hora de lembrar o futuro, em vez de apenas nos preocuparmos com o futuro da memória.

Huyssen (2000) observa que o discurso de perda dos meios de memória, cria apenas uma memória compensatória, e não criativa. Para o teórico o medo do esquecimento acarreta uma hipertrofia da memória. Nesse sentido, a cultura de massa e a mídia virtual devem ser consideradas como meios para a construção de uma memória que é produtiva. Ademais, Huyssen (2000) pondera que são atribuídas à memória possibilidades criativas.

Foucault (1987) que não se dedicou exclusivamente ao campo da memória, mas refletiu sobre as mudanças produzidas pelo poder que afetaram o campo, de certo modo se

aproxima mais de Huyssen. O filósofo observa a memória como um instrumento de poder. De um poder, sobretudo político que tem como finalidade controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e esquecido. Foucault (1987) enfatiza que o poder não apenas seleciona, mas gerencia as lembranças e os documentos existentes, visto que é responsável pela fabricação das lembranças e de documentos.

Ao considerar o poder como produtivo, Foucault (1987) afirma que ele produz subjetividade, isto é, componentes alinhados à construção dos modos de vida, de lembrar e esquecer. Assim, a produção da memória encontra-se diretamente relacionada à produção de subjetividade. O poder, a partir dos seus diversos mecanismos, produz memórias históricas e políticas, por exemplo. Nessa via de compreensão, Foucault (1987) acaba chamando os modos de vida, de viver ou de construir a vida de memória. E, por meio dos mecanismos de poder, responsáveis por gerar disputas, jogos, permeados por estratégias compõem a seleção do que lembramos e do que esquecemos. A partir dessa compreensão foucaultiana a respeito da memória cabe chamar a atenção para o perigo da história única, como nos conta atualmente Chimamanda Adichie em seu livro publicado em 2019.

Se Foucault enxerga a produção de subjetividade como uma construção de memória, ele se aproxima de Huyssen que percebe a produção de subjetividade como algo submetido às estruturas de poder, se tornando criativas ao produzir derivas, isto é, escapes à imposição da seleção de memórias moldadas pela construção de narrativas históricas únicas. Huyssen (2000) ao abordar a cultura da memória contemporânea alerta para incapacidade e falta de vontade de lembrar, lamentando a perda da consciência histórica, visto que as mídias e suportes documentais fazem as memórias tornarem-se mais disponíveis aos indivíduos. Isso provoca o aumento do esquecimento e, conseqüentemente, o crescimento de uma obsessão pela memória criando formas de comercialização que se distanciam da memória em sua essência, lembrada e vivida.

Ademais, a memória sob uma perspectiva sociopolítica foi estudada por Elizabeth Jelín (2018) como um processo humano de caráter subjetivo, ancorada nos suportes e marcos sociais. Isso significa que a autora se refere a uma memória que não é a do passado, mas sim, uma memória que revela como os indivíduos constroem o sentido de passado, por meio do par lembrança-esquecimento. Neste caso, a autora reflete ainda como é possível construir o presente e desenhar o futuro. Assim a perspectiva sobre a memória se expressa a partir de duas vias: dos processos institucionais e das políticas públicas; dos aspectos simbólico-

culturais. Jelín (2018) ainda afirma que as políticas e os produtos culturais possuem dupla função: expressam os sentidos do passado e são instrumentos ou veículos de transmissão de memórias. Para Jelín (2018) os sentidos do passado, produzidos a partir de marcos sociais e territoriais, por atores e agentes com interesses, desejos e emoções comuns, configuram uma espaço de luta, tensão, contradição, esperança e sonhos. Nessa via de entendimento, as tensões geram paradoxos como claros e escuros das memórias, isto é, sempre existe uma relação com a necessidade de reconhecimento, afirmação de subjetividades, identidades em um contexto realidades múltiplas distribuídas em territórios diversos. Assim, podemos afirmar que Jelín (2018) também considera as disputas e jogos quando pensa a memória.

Já Aleida e Jan Assmann ao refletirem sobre a memória cunharam o termo memória cultural e alguns derivados. Os teóricos, ao pesquisarem a memória, a partir do campo de estudos culturais, afirmam uma relação essencial entre a cultura e a memória, isso porque essa relação permite a lembrança cultural, a construção coletiva da identidade e a legitimação política (ERLL, 2012, p. 36).

Aleida e Jan Assmann também distinguem dois âmbitos da memória: a memória comunicativa e a memória cultural. Assim:

A memória comunicativa surge da interação cotidiana, seu conteúdo são as experiências históricas dos contemporâneos e, por isso, sempre se reflete somente a um horizonte temporal limitado que se move constantemente e em torno dos anos oitenta. Os conteúdos da memória comunicativa mudam e nenhum significado fixo é dado a eles. Aqui qualquer indivíduo é considerado igualmente competente para recordar e interpretar o passado comum (ERLL, 2012, p. 37, tradução nossa).

A partir das indicações, a memória comunicativa se coloca alinhada ao campo de estudos da história oral e possibilita o desvelar de narrativas a partir da oralidade. Como complemento, a memória cultural é vista como:

Uma lembrança do presente que está associado com objetivações fixas, que é altamente artificial e que se representa em cerimônias, sobretudo na dimensão temporal e cultural das celebrações. A memória cultural leva consigo um inventário fixo de conteúdos e criações de sentido, para cuja continuação e interpretações são formadas por especialistas. [...] Seu objeto de estudo são os acontecimentos míticos de um passado distante, que são vistos pela agrupação como fundantes. [...] Entre o tempo lembrado no âmbito da memória comunicativa e o tempo lembrado no âmbito da memória cultural existe um vazio (ERLL, 2012, p. 38, tradução nossa).

Diante do exposto, Erll (2012, p. 39) destaca as características da memória comunicativa e da memória cultural, vejamos:

	<i>Memória Comunicativa</i>	<i>Memória Cultural</i>
<b>Conteúdo</b>	Vivências individuais da história que fazem parte do âmbito das biografias individuais	Pré-história mítica, fatos de um passado absoluto
<b>Formas</b>	Formas informais, pouco modeladas, que se desenvolvem de maneira natural e que surgem por meio de interação e da cotidianidade	Formas criadas; alto grau de modelação, comunicação cerimonial, celebrações
<b>Meios</b>	Lembranças vivas que fazem parte da memória orgânica, das experiências e da tradição oral	Objetivações fixas, codificação simbólica tradicional/encenação no discurso, a imagem, o baile, etc.
<b>Estrutura temporal</b>	Oitenta anos com o horizonte temporal de três ou quatro gerações. Este horizonte muda o par com o presente	Passado absoluto de um tempo mítico pré-histórico
<b>Portadores</b>	Não específicos contemporâneos de uma comunidade da lembrança	Portadores da tradição especializados

Fonte: Adaptado de Erll (2012, p. 39, tradução nossa).

As teorias sobre a memória de Nietzsche (que não será explorada aqui), de Halbwachs, de Nora, de Aleida e Jan Assmann marcam o caráter construtivista da recordação, o caráter assegurador da identidade e afirmam o direito dela em face de uma ciência histórica objetiva e neutra (ASSMANN, 2011, p. 146). Ao constatar que a polarização entre a história e a memória é insatisfatória, Aleida Assmann (2011, p. 147) define:

O passo essencial para além das polarizações ou equiparação dos conceitos de memória e história consiste em compreender a relação entre memória habitada e inabitada no sentido de dois modos complementares da recordação. Denominaremos a memória habitada *memória funcional*. Suas características mais marcantes são referência ao grupo, à seletividade, à vinculação a valores e à orientação ao futuro. As ciências históricas, por sua vez, são uma memória de segunda ordem, uma memória das memórias, que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente. Sugiro atribuir a essa memória das memórias a designação de *memória cumulativa*.

Além da definição, Assmann (2011, p. 146) fundamentou um conjunto de critérios que podem ser estabelecidos para configurar a memória funcional e a memória cumulativa, assim:

Memória Funcional	Memória Cumulativa
Está vinculada a um portador, que pode ser um grupo, uma instituição ou um indivíduo	É desvinculada de um portador específico
Estabelece uma ponte entre o passado, presente e futuro	Separa radicalmente passado, presente e futuro
Procede de modo seletivo, à medida que recorda uma coisa e esquece outra	Interessa-se por tudo; tudo é igualmente importante
Intermédios valores dos quais resultam um perfil identitário e normas de ação	Investiga a verdade e com isso suspende valores e normas

Fonte: Extraído de Assmann (2011, p. 146).

Com a finalidade de aproximar a memória da identidade, resgatamos Candau (2012), o teórico enfatiza que o desejo pela memória pelo medo do vazio ou pela perda por parte das sociedades modernas possui relação direta com a memória dos indivíduos. E se há perda de memória, conseqüentemente poderá haver perda de identidade. Diante desse ponto de vista, o autor assevera que a cultura como o cerne das práticas vividas, construídas, pensadas e compartilhadas pelos indivíduos ou grupos. Assim, a cultura como centro das práticas sociais é basilar nos processos dos modos de vida. De acordo com Candau (2012) surgiram indivíduos, grupos sociais e culturais que podem estabelecer a relação entre o passado e presente, assegurando assim a manutenção das identidades por meio da transmissão de memórias, por exemplo. Candau (2012) também reconhece as possibilidades de conflitos, mas indica que é necessária a dinâmica de construção dos conhecimentos, dos modos de vida, admitindo as memórias habitadas, apropriadas e compartilhadas socialmente.

Assmann (2011) argumenta que as recordações não são confiáveis e que o processo de construção de memórias está sujeito a falhas. Além disso, o processo de rememoração admite quadros contraditórios como emoções, traumas, bloqueios, sofrimentos, ajustes e projeções. Após localizar o conceito de memória utilizando diversos *lócus* teóricos iremos nos valer da leitura que Walter Benjamin fez sobre a memória, enxergando-a a partir dos processos experimentados e vivenciados pelos indivíduos em suas práticas sociais. Isso porque consideramos a perspectiva benjaminiana relevante para ser inserida em análises que a Biblioteconomia e Ciência da Informação faz sobre os processos e dinâmicas relativas à memória.

### 3 A MEMÓRIA PELA ÓTICA DE WALTER BENJAMIN

Os trabalhos de Walter Benjamin podem ser considerados uma coleção de narrativas singulares que foram cuidadosamente escritas por ele como afirma Gagnebin (2014, p. 217): “Walter Benjamin é conhecido, talvez em demasia, por ser um teórico da memória e da conservação do passado”. A questão da memória ocupa grande parte de sua obra marcada pelas dinâmicas do lembrar e esquecer. Já na obra “Infância Berliense: 1900”, o autor dá fortes indícios dessas preocupações e por isso concebe seus escritos a partir de fragmentos, ruínas, cacos que abrangem uma série de tipologias textuais que podem ser vistos e analisados como “colagens” que formam mosaicos (imagens), preparados por ele.

Benjamin evitava os enquadramentos rígidos e procurou entrecruzar campos distintos e até mesmo díspares, como o romantismo alemão, o materialismo histórico e o messianismo judaico, por exemplo. Assim, para ultrapassar o historicismo e o materialismo marxista, ele propôs uma teoria crítica por via de fragmentos, que juntamente com outros formam um mosaico sempre inacabado. Mesmo com o intuito de produzir uma narrativa histórica, o pensamento Benjaminiano admitiu que o progresso fosse fundamental para a emancipação e o desenvolvimento da técnica, além de ser um operador didático. Porém, ele alerta para o fato de que lembrar o progresso não seja em si mesmo negativo, ele torna confusa e problemática a produção de uma narrativa histórica, uma vez que favorece uma compreensão linear e homogênea, e o foco da experiência. Benjamin acredita que é na experiência que as “as coisas que estão de baixo do tapete” encontram-se escondidas. Assim a narrativa histórica não pode ser puramente objetiva e positiva, e por isso deve reconhecer a dimensão experiência.

O pensamento Benjaminiano permite a construção histórica não a partir de uma continuidade, assim propõe a própria História, e sim a partir de uma lógica assim como propõe a própria História, e sim a partir de uma lógica criada em virtude das percepções, sensações e experiências que nos vêm à lembrança quando o sujeito é atingido por uma “força estimuladora”. A formação de uma imagem se dá a partir da “força estimuladora que a afeta”. Para alicerçar a ideia apresentada, escolheu-se o fragmento “Escavando e Recordando”, que está presente na obra Rua de Mão Única:

[...] a língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde

se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a tocos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável e enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só 176 faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (BENJAMIN, 1987, p. 239-240).

Benjamin ao se referir à atividade de escavar, ele confere a ela um sentido bem detalhado, que remete à escavação das lembranças (cacos, fragmentos, ruínas). Cada fragmento desenterrado alimenta esse mosaico a se formar. Escavar e desenterrar os cacos são um exercício praticado por todos os sujeitos para retirar do esquecimento determinadas nuances e detalhes que são afetadas por essa (ou por uma) “força estimuladora”. Na medida em que se desenterra, cada fragmento é livrado do esquecimento e passa a constituir os mosaicos (imagens). Todo esse exercício acontece por via da memória que é o meio. Como afirma Benjamin (1987, p. 239) “é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava”.

Experiência e percepção são conceitos explicados por Benjamin a partir da análise sobre a modernidade e suas implicações. A experiência, apresentada em dois sentidos: *Erfahrung* (experiência em seu sentido pleno) e *Erlebnis* (vivência). Ao se preocupar com o declínio da experiência no sentido pleno, ele também se inquieta com o fim da tradição oral e da narrativa. Tais preocupações se apresentam em todas as primeiras obras do teórico. Somente depois, nos anos 30, Benjamin volta sua atenção para outro fenômeno – as mudanças ocorridas na produção e compreensão das obras artísticas que interferem diretamente nas transformações geradas no campo da percepção (*Aisthêsis*).

O declínio da experiência vivida pelos indivíduos em todos os sentidos se associa a uma mudança no modo de percepção. Benjamin destaca no texto “O Narrador: considerações sobre Nikolai Leskov” esse declínio da experiência, bem como o decaimento da tradição oral. Evidencia também alguns aspectos sobre o narrador e sobre a arte de narrar, afirmando que a experiência cotidiana referente à arte de narrar, aquela que revela a tradição oral, está em vias de extinção. Benjamin (2012, p. 213) declara:

[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais freqüente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Benjamin (2012) articula a incapacidade de narrar ao declínio da experiência. As mudanças nos modos de produção, principalmente nos modos de produção, uso e consumo do conhecimento começaram a afetar os modos de vida ainda no século XIX, porque a capacidade de narrar, detalhar os fatos e interpretá-los foi sendo perdida. Na medida em que a narração vai se desfazendo lentamente, a informação vai começando a ganhar força. Segundo Benjamin (2012, p. 219):

[...] a cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] o extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação.

Para Gagnebin (2013), Benjamin valoriza a riqueza da vida que se pode relacionar intimamente à experiência social coletiva, à memória. Isso é o que a experiência em seu sentido pleno (*Erfahrung*) supõe. Essa experiência também está atrelada a uma temporalidade que alcança diversas gerações e indica que a tradição acaba sendo passada de geração para geração, produzindo assim uma continuidade, uma temporalidade própria das sociedades artesanais. Porém, com o capitalismo moderno tudo se modifica, ou seja, o tempo se torna descontínuo, entrecortado, fragmentado (GAGNEBIN, 2013, p. 57). Segundo Gagnebin (2013, p. 57), a tradição oral e a narração são práticas que “acarretam a formação (*bildung*), válida

para todos os indivíduos de uma mesma coletividade”. Essa ideia se encontra bem explicitada em dois textos de Benjamin: “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”.

Ao identificar os inúmeros problemas e dificuldades enfrentados na modernidade, Benjamin vai denunciar uma nova possibilidade de experiência chamada por ele de vivência (*Erlebnis*), que se opõe ao conceito de experiência em seu sentido pleno (*Erfahrung*). A vivência, segundo Gagnebin (2013, p. 59) é aquela que “reenvia à vida do indivíduo particular, na sua inefável preciosidade, mas também na sua solidão”. Ela valoriza o “interior” e pode ser entendida da seguinte maneira: o indivíduo, a partir da sua impossibilidade de explicar e dar conselhos, como também presenciando o fim uma tradição e de uma experiência compartilhada na vida contemporânea, tende a modificar seu modo de narrativa, priorizando suas vivências singulares, consagrando a solidão e a individualidade, por exemplo.

Mas, quando “o tempo se torna uma grandeza econômica, quando se trata de ganhar e, portanto, de poupar tempo, a memória também se transforma” (GAGNEBIN, 2014, p. 221). Ela quer dizer que com as mudanças no modo de produção, a vida também se modifica, principalmente o modo de narrar, contar, escutar, ler, lembrar, esquecer e aprender. “O lembrar infinito e coletivo do tempo pré-capitalista cede lugar à narração da vida de um indivíduo isolado, que luta pela sobrevivência e pelo sucesso numa sociedade 185 marcada pela concorrência” (GAGNEBIN, 2014, p. 221). Isso significa o desenvolvimento de uma narrativa que dá sentido ao interior, valoriza o indivíduo e não mais o coletivo. É como se esse novo modo de vida, ligado à industrialização, fizesse emergir os problemas individuais que promoviam o encolhimento do espaço infinito da memória coletiva.

A leitura, por exemplo, começa a ser solitária e silenciosa, o escritor passa a se isolar, a centralidade literária passa a valorizar a individualidade. Aos poucos, as formas tradicionais que conduziam a atualização da experiência plena (*Erfahrung*) começaram a se diluir, assim como as experiências compartilhadas e a memória coletiva. Essa nova forma de narrar é denominada por Benjamin de *Erlebnis* (vivência). A esse respeito, Leandro Konder (1999, p. 83) fornece uma diferenciação precisa:

*Erfahrung* é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula que se prolonga que se desdobra como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas, com o tempo. *Erlebnis* é a vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos.

A vivência nasce das mudanças no âmbito da produção e da compreensão artísticas que se intensificam a partir das mudanças no modo de percepção (*Aisthêsis*), isto é, do coletivo para o individual.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é o componente subjetivo responsável pelo registro das histórias, lembranças e também do esquecimento. Por diferentes vias de compreensão, o campo da Memória Social busca acolher dinâmicas socioculturais que nos escapam. Nesse sentido, trabalhar o conceito de memória, por via de uma revisão de literatura nos oportuniza a alargar nossa compreensão sobre um conceito complexo, em contínua construção.

Considerando a memória um dos pontos centrais para a discussão das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais, cabe enfatizar a importância da associação entre campos, isto é, entre a Memória Social e a Ciência da Informação. A memória e a informação se complementam no mundo globalizado. Desse modo, com vistas nas perspectivas de Halbwachs, Nora, Huyssen, Foucault, Jelín, Assmann, Candau, Erll, destacamos a obra de Walter Benjamin. Nos trechos selecionados, Benjamin (2012) clarifica o declínio da experiência em sentido pleno e alerta para a construção da vivência (*Erlebnis*). Mas, o teórico acredita que em tudo isso há uma passagem – de um tipo de narração à outra, que teria ocorrido em virtude de barbáries como a guerra, a industrialização, por exemplo.

As elaborações teóricas de Benjamin contribuem para as reflexões sobre as questões e dinâmicas inerentes ao tempo vivido, isto é, o agora. No contexto atual, uma pandemia que assola o mundo desde 2020, que trouxe e continua gerando impactos ainda não mensurados por completo, vale destacar a relação entre a memória e a informação. Tal relação localizada nos dois campos (Memória Social e Ciência da Informação) apresenta como meio a experiência. Nesse sentido, a importância da associação entre os campos pode ser uma via para compreender a seguinte questão: como os processos experienciais de construção dos modos de vida e de memória estão sendo desenvolvidos, criados, recriados, encarados? E como o sujeito lida com a quantidade de informações que circula na atualidade? Tais questões não serão exploradas aqui, apenas anunciadas como motes para a articulação entre a memória e informação, por via da experiência benjaminiana.

Cabe salientar que a perspectiva Benjaminiana se faz completamente atual para pensar “o que está debaixo do tapete”, que cacos são esses, e que mosaicos estamos

formando quando o mundo clama por mais rapidez e hibridez nos processos de construção dos modos de vida, ao passo que, o isolamento e o silenciamento das subjetividades também são imputados a serem produzidos. É aí, que reside a importância de refletir sobre o alinhamento entre a memória e a informação, enfatizando a experiência que perdermos, ao mesmo tempo em que construímos novas vivências. Além disso, esse texto se coloca exatamente nessa via: ser uma reflexão sobre o conceito de memória para possibilitar o alinhamento entre os campos por uma via de construção textual mais aberta.

Destarte, ao apresentar as perspectivas sobre o conceito de memória, caberia em uma próxima comunicação, estabelecer a revisão de literatura sobre o conceito de informação. Tal proposta se coloca em uma perspectiva aberta de construção do conhecimento e por isso emite um “corte” textual, assim como a prática social vivenciada em tempos pandêmicos. A suspensão do texto é um desenvolvimento intencional e que alerta para uma tentativa de alteração na prática social, isto é, em suspensão, a experiência vai se tornando pouco a pouco, uma experiência comunicável a partir do momento que se encontra com a teoria resultando na geração de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. *In*: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 239- 240.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas del recuerdo**. Bogotá: Universidad de los Andes: Ediciones Unianes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos e mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JELÍN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**: cómo construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História do Departamento de História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 01 mar. 2014.